

# **O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende às novas funções**

Simone Neiva<sup>1</sup>



## **Resumo**

Desde as primeiras críticas à sua obra, Niemeyer enfrenta as inconveniências de uma opção pela forma em detrimento da função. Entretanto, com as mudanças culturais e econômicas das últimas décadas, as velhas curvas de sua arquitetura adequaram-se perfeitamente às “novas funções” propostas para os museus contemporâneos. Hoje, o sucesso do Museu de Arte Contemporânea de Niterói em atrair investimentos e qualificar a paisagem por meio de seu impacto formal é mais relevante do que o fato de sua arquitetura relegar a segundo plano a “velha função” de expor obras de artes.

Palavras-chave: Niemeyer. Museu de Arte Contemporânea de Niterói. Forma. Função.

## **The Museum of Contemporary Art of Niterói: the old form takes care of the new demands**

## **Abstract**

Since the first criticisms done to his work, Niemeyer copes with the inconveniences of an option towards form in detriment of function. However, with the cultural and economic changes of the last decades, the old curves of his architecture fit perfectly into the “new functions” proposed for contemporary museums. Today, the success of the Museum of Contemporary Art in Niterói in attracting investments and qualifying the urbanscape through its formal impact is more relevant than the fact that its architecture relegates to a secondary role the “old function” of exhibiting works of art.

Key words: Niemeyer. Museum of Contemporary Art of Niterói. Form. Function.

## **Introdução**

Não foram poucas as vezes que o arquiteto Oscar Niemeyer declarou abertamente sua preferência pela forma, sendo duramente criticado. Entretanto, desde as primeiras críticas à sua obra, feitas por Marx Bill em 1954 (FRAMPTON, 1985, p.324), o arquiteto estabeleceu os limites de atuação de sua arquitetura no pleno exercício formal, desvinculando-a da funcionalidade no sentido racionalista mais ortodoxo. Décadas mais tarde, em entrevista ao poeta Ferreira Gullar, Niemeyer declara que “a função é uma coisa precária em Arquitetura” (GULLAR, 1988, p.37), reafirmando sua crença numa arquitetura que se afirma pela beleza.

Uma simples vista ao passado mostra-nos que as obras que ficaram e que a todos surpreendem e emocionam são obras da sensibilidade e da poesia. E, na verdade, diante desses monumentos de graça e beleza, passam a plano secundário, para épocas futuras, características funcionais e utilitárias (CORONA, 2001, p.48).

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói (fig.1), um dos mais importantes espaços expositivos entre os vinte e dois projetados por Niemeyer de 1954 a 2006 (FRAGA, 2006), é um dos pontos altos do aprimoramento formal de mais de meio século de profissão. Nele, a forma que se impõe em detrimento das “precárias funções” da arquitetura é a mesma que, coincidentemente, atende a “funções” indispensáveis aos museus contemporâneos.



Figura 1. Museu de Arte Contemporânea de Niterói

### **Arquitetura pela Arquitetura**

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói (1991) (fig. 1) encontra-se numa categoria de museus surgidos em meados do século XX, classificados por Victoria Newhouse (1988) como museus de arquitetura escultural. O Museu do Crescimento Ilimitado (1931) é o primeiro a ser projetado nesses moldes. Nesse projeto, o arquiteto Le Corbusier relaciona a expansão da coleção do museu ao desenho de uma espiral que cresce indefinidamente (ZEIN, 1991). Na esteira da mesma exploração formal, surgem o Museu Guggenheim de Nova York (1956) (fig. 2), projetado por Frank Lloyd Wright; o Museu Guggenheim de Bilbao (1992) (fig. 3), por Frank Gehry; o Museu de Arte Contemporânea de Niterói, por Oscar Niemeyer; e mais recentemente, o Museu Guggenheim de Taichung, (2003) por Zaha Hadid, em Taiwan (fig.4). Esses museus de arquitetura escultural acabam por estabelecer um modelo de edifício tão atrativo quanto suas coleções de arte e gradativamente aparecem, eles mesmos, como

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende às novas funções

obras de arte. Ao final dos anos 60, essa valorização da arquitetura dentro do contexto museal já se fazia sentir. De acordo com o historiador de arte Jean Marc Poinso:

[...] o modelo utópico de museu passou de uma arquitetura auxiliar e funcional – metáfora para um museu que não interfere no significado das obras de arte pela recusa de todas as suas especificidades – para uma arquitetura que se reafirma pelo seu interior, organização hierárquica dos espaços, sua permanência e seu valor simbólico como monumento (GREEMBERG et al., 1996, p. 40, tradução nossa).



Figura 2  
Museu Guggenheim Nova York



Figura 3  
Museu Guggenheim Bilbao



Figura 4  
Museu Guggenheim  
Taichung, Taiwan

No Museu de Arte Contemporânea de Niterói, a arquitetura se reafirma, sobretudo, pela forma inusitada e pelo espaço interior. Manipulando forma e espaço, Niemeyer cria um lugar surpreendente, contudo pouco funcional para exposição de obras de arte. O salão principal, por exemplo, com pé-direito de apenas 4,20 metros, inibe a exposição de obras de grandes dimensões. Organizado geometricamente em torno de um núcleo central e rodeado por paredes descontínuas e dispostas hexagonalmente, o salão sugere um percurso “centrífugo” para visitação. Por um lado, se o movimento de fuga induz a uma fluidez no trajeto, por outro a fonte de luz natural que varre os rasgos verticais entre as paredes aguça a curiosidade do observador e desvia a atenção das obras. Do centro, num movimento semelhante ao vento que corre em um cata-vento por entre as frestas, somos seduzidos até a circulação externa – a chamada varanda.

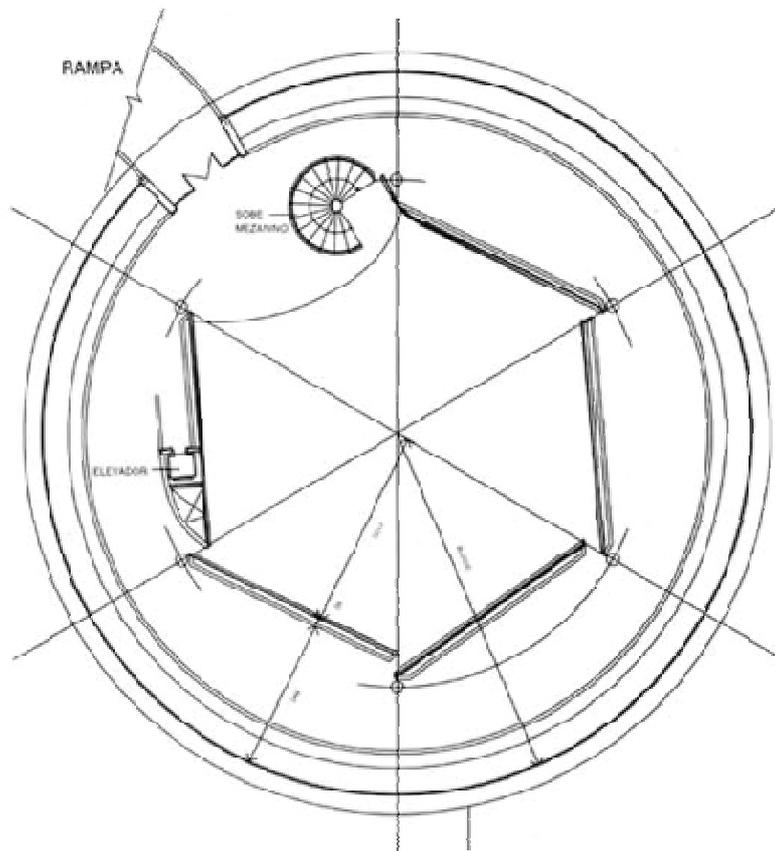


Figura 5. Museu de Arte Contemporânea de Niterói – Planta baixa do salão de exposições



Figura 6. Interior da varanda do Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Na varanda, ao mesmo tempo circulação e espaço expositivo, a paisagem arrebatadora nos induz a caminhar para contemplá-la a partir de novos pontos de vista. O que fazer? Seguir com a leitura das obras de arte expostas ou cedermos à sedução da cena? A partir daí se estabelece o embate entre a arte e a arquitetura. Conflito nada recente, inaugurado por um dos primeiros museus de arquitetura escultural, o Museu Guggenheim de Nova York, onde, segundo Daniel Buren, “[...] toda a arte inconscientemente exposta se arrisca a ser absorvida, sugada pela espiral e pelas curvas da arquitetura” (GREENBERG et al., 1996, p. 318, tradução nossa)(fig.7). De outro modo, no Museu de Arte Contemporânea de Niterói, diante da força da paisagem privilegiada pela configuração arquitetônica, a arte em exposição corre o risco de não ser notada.



Figura 7. Interior do Museu Guggenheim Nova York

A mesma arquitetura que museifica os objetos do entorno do edifício rivaliza com as obras em exposição em seu interior. Quanto a isso, o artista plástico Artur Barrio fez seu protesto: “É uma disputa desigual desta arquitetura com o nosso trabalho! Como é possível competir com esta paisagem, assim escancaradamente invadindo esta varanda?!”(SILVEIRA, 2007). A consciência da possibilidade de diluição das obras de arte frente ao cenário invasor

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende às novas funções

fez com que, em 1998, os artistas Antonio Manuel e Artur Barrio, na exposição “Ocupações/Descobrimentos”, ocupassem a varanda do museu com diversas paredes coloridas, com furos feitos a marretadas, propondo novas visadas da baía da Guanabara. Assim, os artistas interferiram e recriaram o espaço existente, superando e evidenciando a condição imposta à arte pela arquitetura do próprio museu.

### **O museu no contexto das novas práticas econômicas e políticas**

Sobrepostas às práticas culturais relacionadas à arte, também as novas práticas econômicas e políticas surgidas nos anos 80 influenciaram a elaboração dos novos museus. As políticas desenvolvidas pelos ingleses em Glasgow, pelos holandeses de Rotterdam ou mesmo pelos espanhóis de Barcelona e Bilbao são bons exemplos dos processos de mudança de imagem urbana ocorridas nas últimas décadas. Nesses processos, os novos museus, com formas impactantes, assumiram a função de city logo na competição econômica e política entre cidades. O museu Guggenheim de Bilbao, o mais famoso entre os exemplos e peça fundamental de um plano estratégico de desenvolvimento e revitalização da região basca, recuperou em três anos os gastos com sua construção (PIMENTA, 2000). Inserido na paisagem urbana, cumpriu duas importantes “funções” propostas para os museus atuais: atrair investimentos e qualificar a paisagem.

Como Bilbao, o município de Niterói apostou na arte e na arquitetura como elementos importantes na construção de sua identidade. Em 1991, assumiu a construção do Museu de Arte Contemporânea de Niterói, que hoje abriga mais de mil peças de pintores da vanguarda brasileira. Seguindo a tendência mundial de revalorização urbana, “a prefeitura investiu 3 milhões de dólares” (SINELLI, 1993, p.12) em uma área de 3.900 m<sup>2</sup> para a construção de sua citylogo. Niemeyer, atuando com inegável talento formalista, conferiu ao Museu de Arte Contemporânea de Niterói a potência de ícone capaz de renovar a cidade real caótica e contribuir com o projeto sonhado por seus governantes. O Museu de Arte Contemporânea de Niterói, pela qualidade formal, elevou Niterói a um patamar de imagem vendável no exterior e no país, fato antes impensável. Com o passar do tempo, o valor investido no empreendimento foi diluído pelo significado transcendental que a obra adquiriu e pelos milhares de visitas realizadas ao museu por ano. Só em 2000, mais de 127.000 pessoas visitaram o Museu de Arte Contemporânea de Niterói (SUASSUNA, 2005).

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende às novas funções

Na contemporaneidade, a função dos museus de expor obras de arte passou a ser secundária e por meio da forma, novas funções foram atendidas. Hoje, imersos no tecido urbano caótico, os museus agem como construtores de identidade para as cidades, como alvos de investimentos e como marcos na paisagem, capazes de atrair pessoas de todas as partes. Esses são hoje quesitos obrigatórios da arquitetura de museus que, livre dos racionalistas ortodoxos de outrora, utiliza a forma como função.

### **Considerações finais**

Investimentos volumosos fizeram com que o museu se transformasse em verdadeiro laboratório de experimentação arquitetônica. Diante das possibilidades da articulação espacial menos rígida, o museu permitiu uma manipulação formal quase sem limites. O impacto visual dos espaços mirabolantes criados por arquitetos como Frank Ghery, Oscar Niemeyer ou Zaha Hadid serve, antes de mais nada, às políticas de renovação urbana e ao marketing. Atento à nova realidade, o museu progressivamente tornou-se uma obra de arte em si mesmo, exibindo uma sensualidade apoiada nas novas dinâmicas. Hoje, as funções requeridas para sua criação fazem parte de um todo em movimento que, em certo sentido, ultrapassa o valor das “funções precárias” da arquitetura.

Coincidentemente, a impactante arquitetura de formas livres moldadas por Niemeyer atravessou décadas e aportou, menos criticada, num tempo em que a preocupação com a estética atinge praticamente todas as esferas. O formalismo na contemporaneidade não é mais uma questão e a forma bela é reconhecida como um bem a ser adquirido. O Museu de Arte Contemporânea de Niterói partilha dessas novas funções atuando como objeto de sua época. As soluções arquitetônicas são pensadas por meio da forma, de seu impacto, de sua beleza e leveza. Se nele a arte não encontrou uma interlocução sem ruídos, a cidade, por sua vez, ganhou nova paisagem e ânimo. Para Niemeyer, nessa equação entre forma e funções sempre sujeita às mudanças do tempo, a forma continua sendo a variável dominante.

### **Referências bibliográficas**

BUREN, Daniel. Function of architecture: notes on work in connection with the places where it is installed taken between 1967 and 1975, some of which are specially summarized. In: GREENBERG, R.; FERGUSON, B. W.; NAIRNE, S. **Thinking about exhibitions**. London: Routledge, 1996, p. 313-319.

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende às novas funções

CORONA, Eduardo. **Oscar Niemeyer: uma lição de arquitetura**. São Paulo: FUPAM, 2001. 132 p.

FRAMPTON, Kenneth. **Modern Architecture: a critical history**. Nova York: Tames and Hudson, 1985. 324 p.

KOTLER, Philip et al. **Marketing Places: Attracting Investments, Industry and Tourism to Cities, State and Nations**. New York: The Free Press, 1993, 365 p.

NEW HOUSE, V. **Toward a New Museum**. New York: Monacelli Press, 1998, 288 p.

POINSOT, J. Large exhibitions: a sketch of a typology. In: GREENBERG, R.FERGUSON, B. W.; NAIRNE, S. **Thinking about exhibitions**. London: Routledge, 1996, p. 41-66.

Periódicos

GULLAR, Ferreira. Amanhã será pleno. **Arquitetura Urbanismo**, São Paulo, PINI, ano 3, n.15, dez./1987-jan./1988, p.31-42

PIMENTA, Ângela. A festa que pode levar um museu para o Rio de Janeiro. Disponível em: [http://veja.abril.com.br/221100/p\\_126.html](http://veja.abril.com.br/221100/p_126.html). Acesso em: 23 de Junho de 2008

SINELLI, Mônica. Flor na paisagem: Niterói recebe, até agosto, museu de arte projetado por Niemeyer. **A Construção em São Paulo**, nº 2369, julho, 1993, p. 12-13.

SILVEIRA, Sandro. A janela aberta para a baía de Guanabara. Disponível em: [http://www.macniteroi.com.br/index.php?op=arquitetura&sub\\_op=arquit\\_text\\_1](http://www.macniteroi.com.br/index.php?op=arquitetura&sub_op=arquit_text_1). Acesso em: 23 de Junho de 2008.

SUASSUNA, Marco. Reflexões a respeito do projeto para Estação Ciência, Cultura e Artes do arquiteto Oscar Niemeyer em João Pessoa - PB. Disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/minhacidade/mc141>. Acesso: 12 de dezembro 2007

ZEIN, Ruth Verde. Duas décadas de arquitetura para museus. **Projeto**, nº144, agosto, 1991, p. 30-33.

### Dissertações ou teses

FRAGA, Carlos André Soares. **Museus, Pavilhões e Memoriais: a arquitetura de Oscar Niemeyer para exposições**. UFRS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006 (Dissertação de Mestrado).

### Lista de Figuras

Figura 1. Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Fonte: foto Danilo Shinke

Figura 2. Museu Guggenheim Nova York

Fonte: Carol M. Highsmith

Figura 3. Museu Guggenheim Bilbao

Fonte: Jose Mazcona

Figura 4. Museu Guggenheim Taichung, Taiwan

Fonte: [www.3trpd.co.uk/aarchitecture](http://www.3trpd.co.uk/aarchitecture). Acesso: 8 de janeiro 2008

Figura 5. Museu de Arte Contemporânea de Niterói – Planta baixa do salão de exposições

Fonte: Museu de Arte Contemporânea de Niterói: Oscar Niemeyer. Rio de Janeiro: Revan, 1997.p.44.

O Museu de Arte Contemporânea de Niterói: a velha forma atende às novas funções

Figura 6. Interior da varanda do Museu de Arte Contemporânea de Niterói

Fonte: [www.macniteroi.com.br](http://www.macniteroi.com.br). Acesso em: 11 de setembro 2007

Figura 7. Interior do Museu Guggenheim Nova York

Fonte: [www.student.sbc.edu/muglia07](http://www.student.sbc.edu/muglia07). Acesso em: 19 de junho de 2008

## Notas

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Projeto de Arquitetura pela FAU/USP (apoio FAPESP), mestre em Arquitetura pela Universidade de Tóquio (2003), pós-graduada em História da Arte e História da Arquitetura pela PUC/Rio (2000), graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Espírito Santo (1994). Atuou como pesquisadora de arquitetura, urbanismo e cultura japonesa pela Fundação Japão, Tóquio (2006). Possui experiência em ensino e produção de Arquitetura e Urbanismo.